

# Brasil melhora, mas ainda perde de outros emergentes

O Brasil é o país menos competitivo entre os grandes emergentes que são seus concorrentes naturais na economia mundial. Ranking de competitividade divulgado ontem coloca o país atrás de China, Índia e Rússia, os mais bem colocados, nessa ordem. A economia brasileira fica em último lugar, posição que divide com o México.

O ranking, elaborado pelo MBC em conjunto com a Câmara Americana de Comércio para o Brasil, utiliza 24 indicadores para medir a competitividade do Brasil. A pesquisa mostra que o país melhorou em relação ao ano de 2000, mas que a evolução foi mais lenta do que nos outros países, o que fez com que a economia brasileira perdesse posições em vários indicadores.

Para elaborar o ranking, os pesquisadores dividiram cada um dos indicadores em três grupos: um que caracteriza baixa produtividade, um de produtividade média e outro de produtividade alta. No caso brasileiro, o país consegue atingir o grupo de alta produtividade em apenas cinco indicadores. Mais da metade dos demais, ou 10 indicadores, estão no grupo de baixa produtividade, enquanto nove estão no de média.

Quando a comparação é entre o Brasil de hoje e o de 2000, ano do último levantamento do MBC, o quadro não é tão ruim. Mostra que vários aspectos que contribuem para elevar a competitividade do país melhoraram no período. Assim, dos 24 indicadores mensurados pela pesquisa, a



economia brasileira evoluiu em 10.

A situação muda bastante quando considera-se o que ocorreu nos demais países. Rússia, China e Índia, sugere a pesquisa, melhoraram tanto ou mais rapidamente que o Brasil. O exemplo mais óbvio: o Risco Brasil, que mede a confiança de investidores na economia do país.

O indicador calcula a dife-

rença entre as taxas de juros dos títulos brasileiros e a dos americanos. Tal diferença seria o prêmio pago pelo país pelo risco de investir em seus papéis. No caso brasileiro, o risco caiu de 749 no final de 2000 para 397 pontos, na época da coleta de dados da pesquisa. Hoje, está em torno de 220 pontos. A melhora teve impactos positivos, com quedas no custo do financiamento

do setor público também ajudam a derrubar a taxa de juros para as empresas no mercado internacional. Mas foi uma melhora compartilhada com os demais concorrentes, que viram seu risco cair ainda mais e, portanto, galgaram posições no ranking em relação ao Brasil nesse quesito.

Quando a comparação tem por base o desempenho dos demais países, o Brasil só melhorou em dois indicadores: leis trabalhistas e funcionamento da Justiça. Nesses quesitos, o país ocupava o último lugar do ranking e subiu para o penúltimo. Houve piora relativa em 14 itens e o país não

**Comparado a outros países, Brasil melhorou em dois indicadores: leis trabalhistas e Justiça**

avançou em oito quesitos.

Entre os grandes entraves para que o Brasil atinja níveis mais altos de competitividade, avalia o relatório do MBC, está a questão fiscal.

— Os altos gastos públicos exigem uma carga tributária elevada e onera exageradamente a produção, desincentivando o investimento, favorecendo a sonegação e a informalidade, outros sérios problemas do país que são agravados pelo inadequado ambiente de negócios — conclui o documento.